

## WEIL PARA ALÉM DE SÓCRATES E DA DISCUSSÃO

Michael S. Roth  
Scripps College  
Claremont - California - EUA

O texto de Pierre-Jean Labarrière rende homenagem a dois mestres: Sócrates e Eric Weil, e de maneira ao mesmo tempo elegante e direta. Ele o faz, como podemos constatar, travando uma discussão com o dois pensadores. Como ele o sublinha, a discussão era o modo de vida (talvez o modo de vida filosófico por excelência) para Sócrates, e era igualmente a forma e talvez o conteúdo do pensamento socrático. Também para Weil a discussão, como categoria da filosofia, tem um lugar privilegiado — o lugar de uma alternativa à anti-razão da violência — no desenvolvimento razoável da filosofia. Eu sou do mesmo parecer no que concerne à figura de Sócrates em Weil: ela pode situar-se no campo da categoria da *discussão*. No pequeno espaço de tempo que me cabe nesta mesa-redonda, gostaria de tentar explicar de maneira mais geral a situação da *discussão* na filosofia de Eric Weil.

É essencial que a categoria da *discussão* em Weil seja compreendida em relação à que a precede: a *certeza*. A história propriamente dita começa com a perda da *certeza*. Como podemos ver nas primeiras publicações de Weil, e até nas suas publicações póstumas, ele pensava que o nosso interesse pela história estava ligado ao nosso desejo de sentido. Na *Logique de la Philosophie* a história é experimentada na origem como a perda da significação e da orientação, como a perda da certeza de que um modo de vida tem um sentido.

A *certeza* está na origem e no fim do processo histórico. A *discussão*, que nasce sempre à sombra da violência, é o potencial de um mundo sensato, que pode ser apreendido no curso do desenvolvimento histórico.

Desse modo, para compreender completamente a figura de Sócrates na obra de Weil, é importante ver esta figura a partir do contexto da *certeza* e tender para ela a partir daí. A atitude pré-histórica da *certeza* discutida na *Logique* é a crença ingênua, inconsciente, nos costumes de uma comunidade. Esta forma de crença só pode ser preservada mediante o isolamento, a rejeição do outro. A interrogação e a história socrática põem em questão a *certeza*, levantando a seguinte pergunta: *por que nós vivemos deste modo?* Por que nossa forma de vida é melhor que a dos outros?

Para Weil, essas questões socráticas marcam não somente o começo da filosofia, mas também o da história. Elas marcam o começo da busca do sentido. Como já tratei de demonstrar na minha obra *Knowing and History: appropriations of Hegel in 20th Century France* (Ithaca-London 1988), esta concepção do começo é essencial para a compreensão de toda a obra de Weil. A filosofia parte da *certeza* como *objeto perdido*: isso significa que a filosofia não tem a sua fonte numa espécie de dúvida cartesiana radical, mas no sentimento de uma comunidade (sentimento partilhado por Sócrates e seus interlocutores *depois* que eles falaram) de que essa forma de vida não pode mais continuar a ser evidente por si mesma; que essa forma de vida não pode mais, como Weil gostava de dizer em inglês, *go without saying*. O esforço para legitimar uma forma de vida através de um raciocínio discursivo se converte desse modo na finalidade primeira da filosofia. A interrogação socrática não é um fim em si mesma, mas uma resposta ao desejo de viver na *certeza*, para reencontrar o caminho que conduz ao objeto perdido.

Porém, como afirmam os psicanalistas, o objeto do nosso desejo, da nossa busca e trabalho, não é o mesmo que o nosso objeto perdido. Isso se aplica diretamente às origens da filosofia. O que foi perdido é a visão ingênua, não pensada, de uma comunidade. O que é desejado é uma soma de crenças legitimadas pela discussão. Sempre haverá um abismo entre esses dois objetos, um abismo que mesmo a categoria do *absoluto* não pode preencher. Eu não posso senão mencionar o que já demonstrei no meu livro: que esse abismo, para Weil, esse espaço de incerteza, é o berço do discurso político.

Para compreender plenamente a figura de Sócrates, e a categoria da *discussão* na *Logique*, devemos dizer uma palavra sobre a *Philosophie Politique* de Weil. Precisamos nos dirigir a esse livro, pois Weil compreendeu a figura de Sócrates como uma figura

política, particularmente na medida em que a interrogação socrática poderia ser compreendida como uma tentativa de legitimação discursiva. Certamente a confrontação histórica de Sócrates com a política deveu-se em grande parte ao fato de que uma busca pública da legitimação procede da evidência de que as leis e a moral não são consideradas como tendo legitimação suficiente. Deste modo, Sócrates revela a incerteza que estava no centro de um modo de vida. Mas como justificar o modo de vida de uma comunidade quando se é membro dela? Tal é o ponto politicamente dirimente da categoria filosófico-socrática da *discussão* em Weil: os princípios da ação política não podem ser descobertos num quadro imóvel da vida social. Eles devem ser apreendidos na sua aparência, quando os cidadãos ou os organizadores discutem as decisões a tomar. Aqueles que participam da discussão têm uma linguagem comum, assim como uma forma de vida. O acesso à discussão política é, segundo o princípio do Estado moderno em Weil, a possibilidade de tomar decisões racionais em comum.

A discussão, para Weil, está na base da vida política. O esforço para resolver os problemas comuns mediante a discussão é crucial na sua filosofia política, pois ele implica simultaneamente o reconhecimento da diferença e a recusa da violência. A categoria filosófica da *discussão* que vemos na figura de Sócrates exige a aceitação da incerteza e da alteridade em troca da segurança relativa à violência que proporciona o regime político. Não existe garantia de que a discussão conduzirá ao bem; mas, enquanto a discussão durar, a violência será contida em favor de uma busca comum de um sentido. E esta figura nos lembra também que o regime político pode se fechar à discussão e degenerar em violência.

Se a política não existe senão enquanto não há garantia, enquanto não há legitimação final, a filosofia, segundo Weil, quer alcançar a felicidade e a sabedoria que concluiriam a discussão, vale dizer, a filosofia tende ao fim da história. Como observa Labarrière na sua exposição, nós vemos aqui o conflito ou o encontro entre Sócrates e Hegel. Mas o que dá à obra de Weil muito de sua força é o reconhecimento de que, quando a discussão alcança seu ponto final em Hegel, quando a certeza é evidente, o resultado não é o contentamento, mas a revolta. O objeto encontrado não é o objeto perdido. Frente à declaração segundo a qual a história está acabada, explode a mais horrível violência.

Já é tempo de concluir estas observações e, ao fazê-lo, não posso deixar de mencionar brevemente que o pensamento de Weil sobre a política, depois da *Logique*, foi um pensamento que via a política como um *Mitgehen* que subsiste depois da resposta de Hegel à

interrogação socrática. Para ele, a discussão e a política, e não o niilismo, eram a expressão autêntica da figura de Sócrates. Nos anos 50, todavia, Weil buscou em Kant uma garantia de que a história e a discussão tinham realmente um sentido, e que o niilismo poderia ser suplantado. Com outras palavras, para Weil, Sócrates era necessário, porém insuficiente. Fazendo da crença num sentido da história um dever, a filosofia moral de Weil, nos seus últimos anos, tratará de proporcionar uma base transcendental para a busca do sentido. A partir dessa base moral pode-se olhar além da política e da história. É uma pena, pois Weil não parece ter considerado que agir deste modo pode nos situar "além da discussão" e assim, desvalorizar nossa participação neste mundo imoral.

A figura de Sócrates é extremamente importante na filosofia de Eric Weil, pois ela representa a forma de vida que a filosofia torna possível: a discussão, não a violência. Mas Sócrates é também importante por representar a aptidão heróica para viver com a incerteza, uma aptidão que Weil admirava, mas esperava profundamente que não fosse uma necessidade permanente da condição humana. Mesmo se nós discordamos dele sobre este ponto, podemos admirar sua própria interrogação persistente e sua aptidão notável para estimular a atitude e a categoria da discussão, mesmo na sua vontade de superá-la.

*(Tradução de Juan Luis Novoa)*

SÍNTESE NOVA FASE 46 (1989): 123-126
---

Endereço do autor:  
Scripps College  
1030 Columbia Avenue  
Claremont  
California (91711-3948) — EUA